

Especial
Comuna de Paris

Memórias da Comuna de Paris*

Louise Michel

Resumo:

Lutas Sociais abre esta seção especial com um curto texto de Louise Michel, uma das principais combatentes da Comuna de Paris. Por suas convicções pela causa operária, ficou conhecida como a virgem vermelha; ardente defensora da educação laica, lutava também pela participação armada das mulheres no processo revolucionário. Foi condenada e deportada para a Nova Caledônia, onde ficou por oito anos, até ser anistiada com os demais comunardos. Apresentamos a seguir um fragmento de suas *Memórias*.

Palavras-chave: Comuna de Paris. Clubes da Revolução. Igualdade sexual.

O comitê de vigilância de Montmartre terá sua história à parte; somos poucos sobreviventes; sob o estado de sítio, ele apavorou a reação. Toda noite, avançávamos rapidamente do número 41 da Chaussée de Clignancourt sobre Paris, ora demolindo um clube de desertores, ora insuflando a revolução, pois o tempo da enganação tinha ficado para trás. Sabíamos do peso das promessas e da vida dos cidadãos diante de um poder que naufraga.

Em Montmartre havia dois comitês de vigilância: o dos homens e o das mulheres.

Eu estava sempre no dos homens, porque entre eles havia revolucionários russos. Ainda tenho um velho mapa de Paris que ficava na parede da segunda sala; eu o arranquei e trouxe através do oceano, como lembrança. Nós havíamos coberto com tinta as armas do Império que o decoravam, e ela manchou nosso refúgio.

Nunca vi inteligências tão retas, tão simples e tão elevadas; nem individualidades tão marcantes. Não sei como esse grupo se cobrava, não havia fraquezas; algo de forte e de bom o tranquilizava.

* Extraído de *Mémoires de Louise Michel – écrits par elle-même*. Paris : F. Roy, Libraire-Éditeur, 1886. Disponível em versão digital pela Bibliothèque Nationale de France: <<http://gallica.bnf.fr>>. Tradução de Renata Gonçalves.

Entre as cidadãs, a mesma coragem; também lá, inteligências notáveis; embora no 41 tenha me alinhado mais com os cidadãos, eu continuava pertencendo aos dois comitês, cujas tendências eram as mesmas. O das mulheres também terá sua história; talvez seja mista, pois não importava a que sexo se pertencia para cumprir seu dever. Essa questão idiota não mais existia.

À noite, eu achava um jeito de estar nos dois clubes, pois o das mulheres, na rue da Chapelle, o de justiça de paz, era o primeiro a abrir. Assim, podíamos assistir a quase metade da sessão do clube na sala Pérot, às vezes à sessão inteira. Ambos tinham o nome de Clube da Revolução, diferentemente dos do Quartier des Grandes-Carrières.

Ainda ouço a chamada e poderia dizer todos os nomes. Hoje é a chamada dos fantasmas.

Os comitês de vigilância de Montmartre não deixavam ninguém sem asilo, ninguém sem pão. Jantávamos um arenque dividido com quatro ou cinco, mas nada se poupava para aqueles que necessitavam de recursos da prefeitura, ou dos meios revolucionários das requisições. O XVIII^o arrondissement era o terror dos usurpadores e de outros desta espécie. Quando se ouvia “Montmartre vai descer!”, os reacionários se enfurnavam em seus buracos, abandonando, como animais em fuga, os esconderijos onde alimentos apodreciam, enquanto Paris morria de fome.

Dávamos boas gargalhadas quando um dos nossos trazia um delator que pensava ser um bom cidadão.

Ceifaram o comitê de vigilância, como todos os grupos revolucionários. Os poucos que restam – Hippolyte F., Bar..., Av..., Viv... Louis M... – sabem como tínhamos orgulho dele e como se carregava a bandeira da Revolução.

Pouco importava a eles ser abatidos na luta obscuramente ou à luz do sol.

Que importa de que maneira roda o moinho, desde que se faça o pão!